

MEMÓRIAS DE PROFESSORES: CAMINHOS PARA PENSAR A FORMAÇÃO DOCENTE.

Memórias do tempo escolar costumam ter um lugar especial em nossa história. Mas quando os *espaçotempos* (ALVES, 2001) da vida escolar ultrapassam as margens que delimitam o passado e compõem também o presente, é possível estabelecer uma relação entre estas vivências? Dialogando com colegas da docência pedimos que compartilhassem suas histórias escolares, refletindo como essas memórias “nos tornam” professores. Entender a memória como um caminho de construção de sentidos que se entrelaçam nos cotidianos escolares tanto nas práticas docentes como nas subjetividades dos alunos é a proposta deste texto.

Ao propormos esse diálogo entre memórias e formação de professores, procuramos refletir também sobre as nossas escolhas profissionais. Quando, no início da licenciatura, os estudantes são indagados sobre o motivo da escolha do curso, muitos demonstram ter havido a influência de algum professor. Partimos das nossas próprias memórias narradas para tecer a conversa que propomos:

Foi com 13 anos que ao ter meu primeiro professor de História no 6º ano do ensino fundamental que me inspirei, meu sonho era conhecer o mundo e a história do mundo como ele conhecia. Isso foi fundamental para minha escolha profissional (Paulo Felipe, licenciando em História).

Quando o percurso da formação profissional tem início no ensino médio, no curso normal, as professoras de “Pesquisa e Prática

Pedagógica” ou de outros componentes curriculares, geralmente responsáveis pelos estágios, podem se tornar valiosas inspirações para a futura prática docente.

Como filha de professora, o curso normal parecia me chamar como um canto de sereia. Todas as propostas diferenciadas, inclusivas, atravessadas pela criatividade e criticidade das professoras que tive, ainda tenho, guardadas em mim (Professora Evelin – São Gonçalo).

O mergulho na docência talvez tenha início em nossas experiências e aprendizagens ao longo da vida escolar. Dentre as representações a respeito da docência, como as que emergem com a narrativa, buscamos compreender os aspectos que perpassam as formas como nos tornamos professores e nos aproximamos do entendimento trazido por Freire (1996, p. 39), que diz: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Ao narrar experiências, escolhas são feitas quanto ao que se pretende transmitir: saudosismo, alegria, ou outros tantos possíveis sentimentos e posicionamentos frente ao que se pretende dizer, ao que foi vivido. Nesse sentido, vamos perceber algumas aproximações entre as narrativas das professoras, que afirmam perceber em suas práticas cotidianas alguma influência ou inspiração naqueles que um dia foram seus educadores. Narrar pode também ser um caminho em direção à “práxis” (FREIRE, 1996), que envolve a ação reflexiva de suas próprias vivências.

Mas foi no ensino médio onde tive maior contato com os professores e hoje nessa posição, lembro das posturas que tinham com seus alunos que tento manter, como por exemplo o diálogo, pois esses que tinham diálogo com nós alunos, foram os que mais me marcaram, são os que carregam as melhores lembranças...

16:37

O que mais me inspira são aqueles que demonstravam se importar com a gente e as vezes na correria do dia a dia a gente esquece, mas procuro sempre deixar claro pros meus alunos que a vida deles importa, que meu trabalho só faz sentido pq eles estão ali...

16:39

Professora Danielle – Maricá.

Dialogando com as narrativas, percebemos algumas representações de docência elaboradas a partir das vivências escolares e consideradas fundamentais às práticas docentes. As relações estreitadas pelo afeto são as que se destacam.

Então amiga, tanto na educação infantil como no ensino fundamental/medio, eu passei por duas escolas muito boas e acolhedoras. Dei sorte! 🙏 E nelas encontrei professores que, além de serem comprometidos com seu trabalho e com o desenvolvimento pleno dos seus alunos, eram muito afetuosos! Lembro de receber muito carinho de alguns professores e me sentia acolhida. Eles além de se preocuparem com o ensino, com o nosso crescimento e evolução, sempre tratavam as crianças com muito respeito e atenção. E isso acabou se tornando uma inspiração né. Quando percebi que queria trabalhar com educação, não tem como não lembrar desses momentos, me inspirar mesmo nesses educadores e perceber que, assim como eu gostava de ser tratada com carinho e educação, era assim que eu teria que tratar as minhas crianças também. Outros grandes inspiradores para a minha prática, agora falando em educação infantil, mas que talvez fuja um pouco da sua proposta, foi na Creche Uff. Ali eu tive plena certeza que era com a Educação Infantil que eu queria trabalhar. Encontrei grandes educadores que foram fundamentais nas minhas escolhas e grandes inspiradores na minha prática docente. 17:46

Professora Carina – Rio de Janeiro.

Não esperamos exprimir aqui a “força de existir”, como temos pensado com as leituras que temos feito das ideias de Spinoza, de nossas escolhas profissionais. Tampouco pretendemos afirmar ou negar que estes afetos sejam determinantes em nossas práticas. Como nos provoca Spinoza (2009), não há quem tenha determinado a força dos afetos ou o poder que a mente humana tenha em regulá-los. Assumindo esses afetos que nos tornam os professores que somos, e podemos sempre ser, é que pensamos com essas memórias como nossa docência e os saberes que tecemos como profissionais estão permanentemente tocados por aquilo que nos afeta e que nem sempre assumimos como parte dos processos formativos.

Nessa direção, um outro aspecto relevante nesse contexto é a percepção do “ser professor” como um afastamento das práticas

cotidianas, entre o “nós” e “eles”. É possível perceber, nesse sentido, que há um sentido dessa produção do “ser professor” que está nas subjetividades (GARCIA, 2010). Acreditamos na importância de conversarmos e investigarmos processos formativos e experiências que apontem para a desconstrução de representações demeritórias sobre a escola e a docência a partir dos afetos que evocam. Entendemos que revisitar memórias, e buscar nelas os afetos e inspirações presentes em nossas práticas profissionais, pode ser um caminho desafiador, mas, também, repleto de possíveis reflexões, descobertas e recomeços. Que memórias falam com você dos afetos da docência em sua trajetória?

Referências:

ALVES, Nilda. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. *Educar em Revista*, Paraná: Universidade Federal do Paraná, n. 17, p. 1-10, 2001.

GARCIA, Alexandra. *Invenções ordinárias: currículos, políticas e matizes nas culturas de “Ser-professor”*. 2010. 244 f. Tese (Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SPINOZA, Beneditus de. A origem e a natureza dos afetos. *In: SPINOZA, Beneditus de. Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 95-152.

Sobre os autores:

Evelin Mariana Claro Barbosa é mestranda em Educação pelo Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais da FFP-UERJ, graduada em Pedagogia pela UFF, professora orientadora pedagógica

na rede municipal de São Gonçalo e professora de apoio educacional especializado na rede municipal de Niterói.

Paulo Felipe Conceição Passos é licenciando do curso de graduação em História na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. Bolsista de iniciação científica FAPERJ no projeto intitulado “Diálogos Escolas-Universidades: processos de formação docente e produção dos currículos nos cotidianos”.